A influência da Internet na relação médico-paciente na percepção do médico

Physicians' perception of the influence of the Internet on the physician-patient relationship

Rodrigo Viana Cabral[1], Fabiana Schuelter Trevisol[2]

RESUMO

Introdução: O acesso à informação técnico-científica, principalmente por meio da Internet, aliado ao aumento do nível educacional das populações, tem feito surgir um paciente que busca informações sobre sua doença, sintomas, medicamentos e custos de internação e tratamento. O objetivo deste estudo foi verificar a influência da Internet na relação médico-paciente pela percepção dos médicos. Métodos: Estudo quali-quantitativo. Participaram médicos professores de universidade do Sul do Brasil. Foi utilizado questionário autoaplicável com questões sobre a percepção do médico quanto ao uso da Internet pelos pacientes e se ela interfere na relação médico-paciente. Resultados: Dos 116 médicos, 85,3% achavam que pacientes acessam a Internet e 92% utilizam as informações na consulta seguinte. Quando o paciente busca informações na Internet, o tempo de consulta fica maior segundo 46,6% dos entrevistados e 42,2% afirmaram que pacientes trouxeram informações desconhecidas. Do total, 58,6% consideravam que as informações da Internet são importantes para o paciente conhecer sobre a doença e ter adesão ao tratamento, melhorando a relação médico-paciente. Conclusão: Os médicos acham que a Internet ajuda na relação médico-paciente em 56,9% dos casos, atrapalha em 15,5% e não interfere em 27,6%.

UNITERMOS: Relação Médico-Paciente, Internet, Acesso à Informação.

ABSTRACT

Introduction: Access to scientific and technical information, primarily through the Internet, along with the increased educational level of populations, has given rise to patients seeking information about their illness, symptoms, medication, and hospitalization and treatment costs. The aim of this study was to investigate the influence of the Internet on the patient-physician relationship as perceived by physicians. Methods: A qualitative and quantitative study. The participants were medical professors in a south Brazilian university. We used a self-administered questionnaire about physician perception regarding the use of Internet by patients and whether it interferes with the doctor-patient relationship. Results: Of 116 physicians 85.3% thought that patients do access the Internet and 92% use such information in the following visit. When the patient seeks information on the Internet, the medical visit takes longer, according to 46.6% of the respondents, and 42.2% stated that patients brought unknown information. Of the total, 58.6% felt that information from the Internet is important as it increases patients' knowledge about the disease as well as treatment adherence, thus improving the doctor-patient relationship. Conclusion: Physicians think that the Internet helps the doctor-patient relationship in 56.9% of cases, hamper it in 15.5%, and does not interfere with it in 27.6%.

KEYWORDS: *Physician-Patient Relationship, Internet, Information Access.*

INTRODUÇÃO

O mundo presenciou, nos últimos anos, uma ampla transformação tecnológica que ampliou substancialmente o acesso à informação, sobretudo por meio da Internet. A Internet é um imenso sistema de computadores, os quais permanecem conectados por uma rede mundial, que funcionam como emissores e receptores de informação, possibilitando a comunicação e troca de informação de maneira fácil e rápida (1, 2). O fenômeno Internet difere dos outros meios de comunicação conhecidos até agora, haja vista que a postura do receptor no rádio e na televisão é meramente passiva, enquanto em relação à Internet o receptor participa selecionando e emitindo informações. Na Internet são incontáveis os *sites* sobre temas vinculados, de alguma forma, a questões relativas à saúde-doença. Esse destaque se justifica na medida em que a saúde se tornou, nos últimos anos, uma das principais preocupações do homem (1, 3).

O acesso à informação técnico-científica, aliado ao aumento do nível educacional das populações, tem feito sur-

[1] Estudante. Aluno do 6º ano do Curso de Medicina.
[2] Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina.

010-627_a_influência_da.pmd 416 21/12/2010, 13:42

gir um paciente que busca informações sobre sua doença, sintomas, medicamentos e custos de internação e tratamento. Na área da saúde há cada vez mais informação disponível e ampliou-se substancialmente o acesso à informação, sobretudo por meio da Internet (1, 4). A principal característica que diferencia a Internet dos demais meios de comunicação consiste na infinidade de fontes de informação disponíveis e na postura ativa do indivíduo. Essas informações obtidas na Internet modificam ou interferem na relação médico-paciente (1).

Os médicos estão deixando de ser os detentores supremos do saber e passam a ser questionados por pacientes cada vez mais informados (5). Antes da consulta médica, as pessoas podem procurar na Internet informações sobre as queixas que vêm apresentando ou sobre a doença que já sabem que têm. A porta de entrada costuma ser o *site* de buscas *Google* (6, 7). A partir dele, mergulham em *sites* especializados e *blogs* (2, 8). Estima-se que metade dos pacientes chega ao consultório trazendo informações da Internet. O médico tem que considerar que o paciente tem a informação e o paciente tem que considerar que o médico, além da informação, tem a formação, ou seja, a habilidade de aplicar a informação (1, 9).

O presente estudo teve por objetivo verificar a influência da Internet na relação médico-paciente na percepção dos profissionais médicos, que também atuam como docentes em uma universidade do Sul do Brasil. Dessa forma, foi possível avaliar a percepção dos médicos quanto a esse novo perfil de paciente que busca informações do processo saúde-doença na Internet, antes e depois da consulta médica, e a opinião dos profissionais quanto à interferência na relação médico-paciente.

MÉTODOS

Foi realizado um estudo exploratório descritivo com delineamento transversal e abordagem quanti-qualitativa. A população estudada foi composta pelos médicos que exerciam atividade docente em uma universidade na região Sul de Santa Catarina no segundo semestre de 2009.

Foram incluídos no estudo médicos que lecionavam no Curso de Graduação em Medicina, que atendiam pacientes em seus consultórios ou em algum serviço de saúde e que aceitaram participar do estudo mediante anuência do termo de consentimento.

Os profissionais médicos foram convidados a participar do estudo nas dependências da universidade ou em seus consultórios. Os dados foram coletados com o emprego de um questionário, elaborado pelos autores, sendo autoaplicável, com questões abertas e fechadas sobre a percepção do médico quanto ao uso da Internet pelos pacientes e se ela interfere na relação médico-paciente. Os dados de identificação dos sujeitos foram mantidos em sigilo e em anonimato, já que os questionários foram separados do termo de consentimento em diferentes envelopes lacrados.

Os dados foram inseridos no programa Epidata versão 3.1 e analisados no *software* SPSS versão 16.0. Os dados qualitativos foram apresentados em valores absolutos e relativos e os dados quantitativos em medidas de tendência central e de dispersão. Para testar a associação entre as variáveis de interesse foi utilizado teste de qui-quadrado para as variáveis categóricas e Anova de uma via para comparação de médias, com nível de significância estatística de 95%. As perguntas abertas foram agrupadas e transcritas como citações para ilustrar a opinião dos profissionais médicos quanto ao tema em questão.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisul, sob registro 09.124.4.01 III.

RESULTADOS

Participaram do presente estudo 116 médicos. A média de idade dos entrevistados foi de 43,6 (DP ± 11,3) anos, variando entre 27 e 72 anos de idade. Do total, 75,9% eram do gênero masculino. Com relação ao tempo de exercício da atividade médica, a média foi de 18,6 anos ± 10,6 anos, variando entre 1 e 46 anos de profissão. As especialidades médicas dos participantes são apresentadas na Tabela 1. Além da especialização médica, 29,3% possuíam mestrado e 6,9% doutorado.

Entre os médicos participantes do estudo, 96,6% costumam acessar a Internet e 99,1% têm *e-mail*. Do total, 85,3% responderam achar que pacientes acessam a Internet em busca de informações com relação a sua doença ou pelo motivo que os fizeram procurar auxílio médico. Mas em relação a sua clientela pessoal, a estimativa é de que menos de 50% dos pacientes atendidos têm essa prática, na visão dos profissionais médicos.

Quando questionado se os pacientes acessam a Internet depois de alguma consulta médica, apenas 4,3% dos médicos acreditam que seus pacientes não acessem a Internet após o atendimento. Os médicos salientam que na opinião deles aproximadamente 92% utilizam informações obtidas na Internet para conversar com o médico na consulta seguinte.

Com relação ao perfil socioeconômico dos pacientes que utilizam a Internet na percepção dos médicos, eles acredi-

TABELA 1 – Especialidades médicas dos profissionais participantes do estudo

Especialidade médica	n	%
Ginecologia e Obstetrícia	20	17,2
Pediatria	17	14,7
Cirurgia	14	12,0
Cardiologia	7	6,0
Clínica Médica	6	5,2
Pneumologia	6	5,2
Outras*	46	39,7

* Outras especialidades médicas: Acupuntura, Cirurgia Vascular e Angiologia, Dermatologia, Endocrinologia, Gastroenterologia, Geriatria, Hematologia, Infectologia, Medicina da Família, Nefrologia, Neurologia, Oftalmologia, Oncologia, Ortopedia, Proctologia, Psiquiatria, Reumatologia, Urologia.

010-627_a_influência_da.pmd 417 21/12/2010, 13:42

tam que apenas 2,6% são pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). A grande maioria (65%) é paciente particular ou que possui plano de saúde, sendo, portanto, indivíduos com maior poder aquisitivo.

Quando o paciente vai ao consultório médico após ter lido diversas informações na Internet, o tempo de consulta fica maior segundo a opinião de 46,6% dos entrevistados. Porém, um número considerável de médicos (31,9%) não percebe diferença no tempo de consulta. Além disso, 42,2% dos médicos afirmaram já ter ocorrido de pacientes chegarem com informações encontradas na Internet da qual eles desconheciam. A Internet também é utilizada como ferramenta de atualização para 94% dos médicos e 58,6% deles sugerem *sites* confiáveis para pacientes.

Quando os pacientes chegam ao consultório com inúmeras informações colhidas na Internet sobre suas enfermidades, os médicos têm diferentes reações emocionais. Do total, 50% se sente motivado ou contente, 25% se sente indiferente, 14% tem sentimentos contraditórios e 11% se sente incomodado.

Na comparação entre as médias de idade e do tempo de atuação profissional, os mais jovens e, portanto, com menor tempo de profissão, tiveram um maior percentual de sentimentos negativos em relação ao paciente chegar à consulta médica com informações da Internet. Contudo, essa diferença não foi estatisticamente significativa (p>0,05). Também não houve diferença nos sentimentos em relação ao gênero (p = 0,6), à especialidade (p = 0,3) e ter pós-graduação (p = 0,9).

Na opinião dos médicos, 56,9% acreditam que a Internet ajuda na relação médico-paciente, 27,6% acham que não interfere e 15,5% acreditam que a Internet atrapalha. Entre as opiniões dos profissionais que acreditam que a Internet ajuda na relação médico-paciente, destacam-se aquelas que acreditam melhorar a comunicação entre o profissional e o paciente, contribuindo para o tratamento da doença. M1: "*Ao compreender um pouco mais sobre sua doença, torna-se mais fácil explicar o tratamento e suas consequências*." M2: "*Quanto maior o nível de informação e de conhecimento do paciente sobre sua patologia, melhor a adesão ao tratamento. É absolutamente importante a participação do paciente nas decisões a serem tomadas, é necessário compartilhar e dividir orientações para que a terapêutica possa produzir o efeito desejado*." M3: "*Ajuda, pois resolve dúvidas que por vezes você não alcança com seu linguajar*".

Além disso, alguns profissionais consideram a Internet como ferramenta contribuinte na aceitação e conhecimento da doença, favorecendo o atendimento médico. M4: "*No caso de doenças crônicas é uma ferramenta importantíssima, para compartilhar experiências entre os pacientes, conhecer a sua doença*". M5: "*...pode ser usada como ferramenta auxiliar na consulta*". M6: "*É melhor discutir com o paciente se ele tem conhecimento de sua doença. Divide-se a responsabilidade com o mesmo, ajudando a decidir na melhor conduta*".

Entre os médicos que julgam que o uso de informações provenientes da Internet pelos pacientes prejudica a relação médico-paciente, alguns comentários são destacados a seguir. Uma das inquietações profissionais é a de somatização de sintomas ou interferências psicológicas por má compreensão da informação ou por informações falsas. M7: "*...algumas vezes os pacientes acessam* sites *com informações (dados) incorretos ou interpretam esses dados de forma incorreta, o que gera ansiedade antes mesmo de ter o diagnóstico correto*". M8: "*Quando o paciente começa a acreditar mais na Internet, pode ser induzido a ter os sintomas que leu sem necessariamente tê-los*". M9: "*A Internet atrapalha, pois o paciente já vem com uma expectativa formada, que por vezes é frustrada em função do estágio da doença ou por informação incorreta obtida na rede*". M10: "*A Internet tem muitas informações errôneas que acabam dificultando a aceitação do paciente com a doença*".

E há profissionais que temem ser testados ou que desconheçam algumas informações – M11: "*Em alguns casos, o paciente faz mau uso e é mal-intencionado ao utilizar a informação da Internet para testar os conhecimentos do médico*".

Um número considerável de médicos (27,6%) acredita que a utilização da Internet como método complementar pelos pacientes não acarreta prejuízos ou benefícios, ou seja, essa nova atitude adotada por inúmeros pacientes não interfere na relação médico-paciente. M12: "*O conhecimento deve ser multiplicado, democratizado. O paciente tem direito de procurar informações sobre sua doença onde ele quiser. Há informações corretas, bem como equivocadas, mas isso não interfere na relação médico-paciente*." M13: "*Melhora o conhecimento do paciente e facilita a comunicação, entretanto, não acho que interfira na relação médico-paciente*".

A idade do médico e o tempo de atuação profissional não tiveram associação estatisticamente significativa com as opiniões positivas ou negativas da Internet na relação médico-paciente (p = 0,4 e p = 0,5, respectivamente). Assim como ter pós-graduação (p = 0,3). Entretanto, ao se comparar as especialidades, agrupadas em clínicas e cirúrgicas, os clínicos tiveram opinião mais favorável à Internet do que os cirurgiões, sendo essa diferença estatisticamente significativa (p = 0,03).

Na Tabela 2 pode-se conhecer a opinião dos médicos quanto às informações disponibilizadas na rede.

TABELA 2 – Qualidade das informações encontradas sobre saúde na Internet na percepção dos médicos

Opinião das informações sobre saúde na Internet	n (%)
Importantes para conhecer a doença e adesão ao tratamento	68 (58,6)
Desnecessárias, pois muitas informações são incorretas	15 (12,9)
Não faz diferença, o paciente deve seguir as orientações médicas	8 (6,9)
Depende da fonte pesquisada	25 (21,6)

010-627_a_influência_da.pmd 418 21/12/2010, 13:42

DISCUSSÃO

Dos 116 médicos entrevistados nesta pesquisa, 85,3% responderam que é comum os pacientes acessarem a Internet em busca de informações com relação a sua doença ou ao motivo que os fizeram procurar auxílio médico. Esse resultado foi similar a outros estudos realizados, como num estudo norueguês que descobriu que o uso da Internet para conhecimento sobre saúde aumentou na população daquele país de 31% em 2001 para 58% em 2005 (10).

Em outros estudos realizados, existia a estimativa de que metade dos pacientes chega ao consultório trazendo informações da Internet (1, 9). Num estudo americano, há uma estimativa de que 70 milhões de americanos têm usado a Internet parar adquirir informações relacionadas à saúde (11). Já em um estudo espanhol, estima-se que por volta de 40% das pessoas navegam pela Internet em busca de informações sobre saúde (12). Entretanto, no presente estudo, foi observado que em relação a sua clientela pessoal, a estimativa é de que menos de 50% dos pacientes atendidos têm essa prática, na visão dos profissionais médicos. É provável que essa diferença entre os estudos tenha ocorrido em virtude da diferença metodológica utilizada na busca dessa informação. No presente estudo essa é uma estimativa pessoal dos médicos, e não necessariamente reflete o que ocorre na prática. Os pacientes podem acessar a Internet e não comentar o fato com seus médicos.

Na comparação entre as médias de idade e do tempo de atuação profissional, os mais jovens e, portanto, com menor tempo de profissão, tiveram um maior percentual de sentimentos negativos em relação ao paciente chegar à consulta médica com informações da Internet. Esse fato talvez possa estar associado à insegurança de médicos recém-formados, em decorrência da pouca experiência na atuação profissional. Esses profissionais temem ser testados ou têm receio de que desconheçam algumas informações – M11: "*Em alguns casos, o paciente faz mau uso e é mal-intencionado ao utilizar a informação da Internet para testar os conhecimentos do médico*".

Ao se comparar às especialidades, agrupadas em clínicas e cirúrgicas, os clínicos tiveram opinião mais favorável a Internet do que os cirurgiões, sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p = 0,034$). Talvez isso se justifique, pois os clínicos geralmente mantêm contato com os pacientes por um período mais prolongado, por tratarem principalmente de doenças crônicas e entenderem que a informação em saúde auxilia na adesão ao tratamento e na mudança do estilo de vida.

Foi evidenciado que é comum que os pacientes acessem a Internet depois de alguma consulta médica. Verificou-se que aproximadamente 92% dos pacientes utilizam informações obtidas na Internet para conversar com o médico na consulta seguinte. Em um estudo no qual participaram 3.209 pessoas, 31% relataram procurar na Internet informações relacionadas à saúde, sendo que apenas 8% utilizavam essas informações para conversar com seu médico (13). Uma possível explicação para esse novo perfil do paciente é a garantia do anonimato. Esse é um dos aspectos positivos dessa nova mudança; o paciente tem liberdade para pesquisar sobre aspectos íntimos graças ao anonimato da rede, e consequentemente, proporciona maior adesão aos tratamentos propostos, tornando o paciente mais participativo na consulta médica (14, 15). É por essas razões que mais da metade dos médicos entrevistados (58,6%) consideravam que as informações encontradas na Internet são importantes para o paciente conhecer sobre a doença e ter adesão ao tratamento e, em virtude disso, a Internet ajuda no desenvolvimento de uma melhor relação médico-paciente. Isso se torna possível tendo em vista que a linguagem utilizada na Internet é mais informal, ou seja, mais acessível à compreensão do paciente, tornando a comunicação entre médico e paciente mais eficaz. Os pacientes têm desenvolvido condições de argumentar sobre formas de tratamento e dividir com o médico a responsabilidade pela tomada de decisão (3, 4, 16, 17).

Quando o paciente vai ao consultório médico após ter lido diversas informações na Internet, o tempo de consulta fica maior segundo a opinião de 46,6% dos médicos entrevistados. Isso provavelmente ocorre em virtude de o paciente ser detentor de maior conhecimento a respeito de sua doença, o que desperta maior curiosidade e dúvidas com relação à conduta que será adotada pelo médico, gerando maiores questionamentos por parte do paciente. Porém, um número considerável de médicos (31,9%) não percebe diferença no tempo de consulta. Isso se justifica em alguns casos, pois "*Ao compreender um pouco mais sobre sua doença, torna-se mais fácil explicar o tratamento e suas consequências...*", disse um dos médicos entrevistados.

Além disso, esse novo perfil de paciente obriga o médico a estar constantemente atualizado (1, 18, 19). Não são apenas os pacientes que fazem uso da Internet, pois 94% dos médicos utilizam-na para se atualizar, sendo que 96,6% costumam acessar a Internet e 99,1% tem *e-mail*. Dessa maneira, para que a Internet seja utilizada de forma responsável, 58,6% dos médicos sugerem *sites* confiáveis para pacientes. Essa postura adotada por alguns médicos tem o intuito de que pacientes não tenham acesso a informações incorretas ou de difícil interpretação. Talvez também exista receio de que algumas informações recentes não sejam de conhecimento do profissional, que necessitam de aperfeiçoamento continuado na sua prática profissional. Em um estudo realizado no México foram relatados casos em que os pacientes tiveram sua conduta médica modificada após apresentarem informações obtidas na Internet a seus médicos assistentes (20). No presente estudo, 42,2% dos médicos afirmaram já ter ocorrido de pacientes chegarem com informações encontradas na Internet que eles desconheciam. Isso pode ser explicado pelo fato de que algumas informações encontradas na rede são incompletas, contraditórias, incorretas ou até fraudulentas. Estudo brasileiro realizado em São Paulo avaliou os impactos causados pelo uso da Internet, na relação entre médicos e pacientes, fazendo um alerta para o perigo de as pessoas acharem que, a partir das informações obtidas na rede, podem se tratar sozinhas, o que não é verdade (18).

É importante avaliar de que maneira os pacientes fazem uso das informações que obtêm na Internet, tendo em vista as possíveis dificuldades encontradas por pacientes leigos com a

010-627_a_influência_da.pmd 419 21/12/2010, 13:42

linguagem médica e com a incerteza advinda da multiplicidade de informações. Por essa razão, o indivíduo leigo muitas vezes tem dificuldade de distinguir, por exemplo, o certo do enganoso ou o inédito do tradicional (9, 21), ou seja, se os pacientes interpretarão de maneira adequada as informações obtidas. Assim, entre os aspectos negativos destacam-se a ingenuidade em acreditar em todas as informações disponíveis, sem senso crítico. É por isso que, apesar da importância atribuída à faceta libertária e democratizante da Internet, são necessários pré-requisitos tecnoculturais para acessá-la. Prova disso foi que o perfil socioeconômico dos pacientes que utilizam a Internet na percepção dos médicos se trata de indivíduos com maior poder aquisitivo, representados por pacientes particulares ou que possuíam plano de saúde.

A maioria dos pacientes acha que as informações de saúde encontradas na Internet são tão confiáveis quanto as de outras fontes, inclusive as dadas pelos médicos (1, 22). Quem navega pelos programas de busca está sujeito a se deparar com atividades criminosas (venda de remédios proibidos ou falsificados, promessas de curas milagrosas) ou pelo menos antiéticas (conteúdo informativo cuja única intenção é vender medicamentos ou procedimentos médicos). Encontra também informações absurdas, lixo eletrônico, que podem gerar danos gravíssimos. Surge o considerável problema de controle de qualidade dos conteúdos relativos à saúde na Internet (18). Dos 116 médicos estudados, 15,5% acreditam que a Internet atrapalha a relação médico-paciente e 12,9% consideram desnecessárias as informações disponibilizadas na Internet, pois muitas são incorretas.

Dentre as limitações do presente estudo, está a escassez de literatura científica sobre o tema em questão. O foco da pesquisa era a visão dos médicos com relação à nova postura adotada pelos pacientes; sendo assim, é fundamental destacar que a pesquisa é baseada em estimativas feitas pela impressão pessoal dos médicos, e não necessariamente reflete o que ocorre na prática. Dessa forma, novos estudos podem ser necessários para avaliar mais precisamente esse novo perfil do paciente e as repercussões causadas na relação médico-paciente.

CONCLUSÃO

A opinião médica é de que a Internet ajuda na relação médico-paciente em 56,9% dos casos, atrapalha em 15,5% e não interfere em 27,6%.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Garbin HBR, Pereira Neto AF, Guilam MCR. The Internet, expert patients and medical practice: an analysis of the literature. Interface comun. saúde educ. 2008; 12(26):579-88.
2. Carvalho Júnior FF. A Internet e o pediatra. Rev paul pediatria 1999; 17(3):150-3.
3. Castiel LD, Vasconcellos-Silva PR. The interface He@lth/Internet: perspectives and challenges. Interface comun. saúde educ. 2003; 7(13):47-64.
4. Madeira W. Navegar é Preciso: avaliação de impactos do uso da Internet na relação médico-paciente. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Saúde Pública da USP. São Paulo: 2006.132p.
5. Kim J, Kim S. Physicians perception of the effects of Internet health information on the doctor-patient relationship. Inform Health Soc Care 2009; 34(3):136-48.
6. Giustini D. How Google is changing medicine. Br Med J 2005; 331:1487-8.
7. Siempos II, Spanos A, Issaris EA, Rafailidis PI, Falagas ME. Non-physicians may reach correct diagnoses by using Google: a pilot study. Swiss Med Wkly 2008; 138(49-50):741-5.
8. Tang H, Ng JH. Googling for a diagnosis – use of Google as a diagnostic aid: internet based study. Br Med J 2006; 333(7579): 1143-5.
9. Oliveira RA. Scientific and technological evolution and the physician's ethic. J Vasc Br 2006; 5(1):1-2.
10. Andreassen HK, Trondsen M, Kummervold PE, Gammon D, Hjortdahl P. Patients Who Use E-Mediated Communication With Their Doctor: New Constructions of Trust in the Patient-Doctor Relationship. Qual Health Res 2006; 16(2): 238-48.
11. Anderson JG, Rainey MR, Eysenbach G. The Impact of Cyber-Healthcare on the Physician-Patient Relationship. J Med Syst 2003; 27(1):67-84.
12. Sobes JJM, Santacreu GL, Martínez SL, Remón CA. Uso de internet por médicos de primaria y hospitales y percepción de como influye em su relación com los pacientes. Atención Primaria 2009; 41(6):308-14.
13. Murray E, Lo B, Pollack L, Donelan K, Catania J, White M, Zapert K, Turner R. The Impact of Health Information on the Internet on the Physician-Patient Relationship. Arch Intern Med. 2003;163(14):1727-34.
14. Murero M, D´ancora G, Karamanoukian H. Use of the Internet by patients before and after cardiac surgery: telephone survey. J Med Internet Res. 2001; 3(3):e27.
15. Melamud A, Puiggari J, Goldfarb G, Cairoli H, Otero P. Información sobre salud em Internet: su empleo por pediatras y padres de pacientes. Arch Argent Pediatria 2007; 105(6): 513-6.
16. Cuenca AMB, Tanaka AC. The Internet influence on the academic scientific public health community. Rev Saude Publica 2005; 39(5):840-6.
17. Gauld R, Willians S. Use of the Internet for health information: a study of Australians and New Zealanders. Inform Health Soc Care 2009; 34(3):149-58.
18. Castiel LD, Vasconcellos-Silva PR. Internet e o autocuidado em saúde: como juntar os trapinhos? *Hist Cienc Saude Manguinhos* 2002; 9(2):291-314.
19. Sigulem D, Ramos MP, Anção MS. Informatização em consultório médico. Rev Soc Cardiol Estado de São Paulo 2003; 13(6):717-29.
20. Herrera C, Campero L, Caballero M, Kendall T. Relationship between physicians and HIV patients: influence on adherence and quality of life. Rev Saude Publica 2008; 42(2):249-55.
21. Gonçalves SA, Melob G, Tokarskic MHL, Barbosa-Brancod A. Medication directions as a source of technical and scientific information. Rev Saude Publica 2002; 36(1):33-9.
22. Marsiglia I. Impacto de la tecnologia médica sobre la historia clínica y la relación médico-paciente. Gac Méd Caracas 2006; 114(3):183-9.

✉ Endereço para correspondência:
Fabiana Schuelter Trevisol
Av. José Acácio Moreira, 787
88705-090 – Tubarão, SC – Brasil
☎ (48) 3622-1442
fabiana.trevisol@unisul.br

Recebido: 9/5/2010 – Aprovado: 19/5/2010

010-627_a_influência_da.pmd 420 21/12/2010, 13:42